

# A dialética envenenada de Roberto Schwarz

O crítico literário volta ao universo de Machado de Assis no livro *Duas meninas, em que confronta a personagem de Dom Casmurro, com Helena Morley, uma espécie de Capitu da vida real*  
01/06/97

## Duas meninas na periferia do capitalismo

Fernando de Barros e Silva  
especial para a Folha

Um livro ideal para moças bem-comportadas, um presente para cativar estrangeiros, uma obra pitoresca, uma crônica ingênua, leve e encantadora – nada além disso. *Minha vida de menina* era até hoje apenas o diário de uma menina mineira de ascendência inglesa, natural de Diamantina, nascida na segunda metade do século passado, que resolveu reunir seus apontamentos adolescentes, feitos entre 1893 e 1894, já quando estava velha, na década de 40. A primeira edição da obra é de 1942.

O relativo desconhecimento do livrinho, a despeito de seu sucesso no exterior, explica-se pelo fato de que sempre foi considerado uma coisa sem importância, um devaneio de uma rapariga que, embora muito esperta e espevitada, nunca poderia pertencer à galeria de autores que formam o esqueleto da literatura brasileira. Dentro de duas semanas, essa imagem cristalizada em torno de *Minha vida de menina* vai pelos ares.

Roberto Schwarz, 58, sem publicar desde 1990, quando encerrou (mas nem tanto, como se verá) seu ciclo sobre Machado de Assis lançando *Um Mestre na periferia do capitalismo*, publica pela Companhia das Letras um livrinho curto, contendo nada mais que dois ensaios, reunidos sob o singelo título *Duas meninas*.

Uma delas, a segunda, é a própria Helena Morley; a primeira é Capitu, a personagem-moça de *Dom Casmurro*, a obra máxima da maturidade de Machado de Assis. O primeiro ensaio chama-se “A Poesia Envenenada de Dom Casmurro”; o segundo, “Outra Capitu” – e aqui já começamos a entrar no “x” da questão (leia trechos dos ensaios no final da entrevista).

Por trás dos apontamentos soltos, da prosa dispersa e “sem intenção de arte” de Helena Morley, Schwarz descobre nada menos do que uma outra Capitu, “vivilha da Silva”, uma moça de verdade igual à personagem de Machado.

A despeito da distância entre as obras, elas tornam tangível, para falar como o crítico, o que se poderia chamar de matéria brasileira: “Um conjunto de relações altamente problemático, originário da Colônia, solidamente engrenado, incompatível com o padrão da nação moderna, ao mesmo tempo um resultado consistente da evolução do mundo moderno”.

Na entrevista exclusiva que concedeu ao Mais!, Schwarz não entrega o ouro de bandeja, mas deixa subentendido que a primeira consequência disso (há outras, mais invisíveis e venenosas) é que *Minha vida de menina* passa a fazer parte do sistema literário brasileiro, ou seja, passa a integrar a formação da literatura brasileira, tal como foi descrita no esquema formulado por Antonio Candido, que não por acaso é seu maior mestre.

Não se trata, veja bem, de uma questão de gosto avulso, de incorporação deste ou daquele autor obscuro ou da expulsão de algum outro escritor consagrado do panteão nacional. A tarefa a que se dedica Schwarz, para falar em jargão, é de incorporar à crítica os dinamismos específicos da experiência brasileira formalmente estruturados na obra.

Em relação a Machado de Assis, os resultados disso são conhecidos há tempos. Desde *A Lata de Lixo da História*, peça teatral que parodiava *O Alienista*, passando pelas “Idéias Fora do Lugar” e *Ao vencedor as batatas*, até culminar, com *Um Mestre na periferia do capitalismo*, na revelação pormenorizada da monstruosidade embutida na conduta de Brás Cubas, tido sempre como um filho-família exemplar da nossa elite paternalista.

Agora, com Helena Morley, Schwarz dá um passo adiante. Para ir logo ao ponto, mesmo correndo o risco de um certo brutalismo, próprio dos jornalistas, o crítico fala do final do século 19 como quem pretende iluminar o final do século 20. A promessa de emancipação de Capitu e Helena Morley que a história brasileira tratou de frustrar, como mostra o crítico, ganha muito se for vista à luz dos dias que correm. Não é à toa que o livro encerra indicando, quase como um ponto de fuga, a continuidade do paternalismo no modernismo brasileiro.

E aqui chegamos à essência do veneno schwarziano. Quando lançou *Um Mestre na periferia do capitalismo*, em 90, iniciava-se a era Collor, o período recente de maior “crapulização” da classe dominante brasileira. Foi uma coincidência, obviamente, mas basta abrir o livro, por exemplo, no capítulo sobre “A Deseducação de Brás”, para ver lá,

palpitando nos seus anos de (de)formação, a imagem espectral da delinqüência do jovem Collor barbarizando pelas ruas de Brasília.

Agora, em plena era FHC, é difícil acreditar que Schwarz tenha consumido três anos inteiros debruçado sobre Helena Morley sem ter um olho bem plantado sobre o presente. Como Machado de Assis, Schwarz despista seus contemporâneos. É como se estivesse enviando uma mensagem cifrada aos progressistas bem-intencionados de hoje: estamos no limiar de um novo ciclo de modernização conservadora que irá aprofundar os traços do atraso, repondo-os modernamente. Esse é o segredo que Schwarz descobriu nas anotações da menina de Diamantina.

Nada disso está explicitado – e não poderia ser diferente – na entrevista que segue, na qual Schwarz passa a limpo momentos da sua trajetória intelectual.

Talvez num único momento o crítico tenha deixado escapar o alcance impressionante da sua nova cria. Falava não do livro, mas de FHC, elogiando a urbanidade e a clareza com a qual o presidente é capaz de se explicar na televisão, revelando virtualidades inesperadas na profissão de professor. Mas, aí, acrescentou: “É claro que volta e meia o Brasil entra pela janela e transforma em chanchada a aula que ia tão bem”. A chanchada que invade a sala do professor nem sempre se chama Íris Rezende. Às vezes podem ser apenas duas meninas, Helena e Capitu.

\*

**Folha** - O sr. quer explicar o título do livro? Por que *Dois meninas*? Há ironia na inocência?

**Schwarz** - Gostaria de ouvir a sua explicação.

**Folha** - A sua leitura de *Dom Casmurro* é venenosa, e quem preparou o veneno, segundo o sr., foi a história do Brasil. No livro de Helena Morley a atmosfera é mais desanuviada, mas as dificuldades que a mocinha supera decorrem dos mesmos aspectos do Brasil que derrotaram Capitu.

**Schwarz** - É isso mesmo. A simpatia incrível de Capitu e Helena vem das dificuldades que elas souberam contornar. A envergadura das meninas é proporcional ao alcance das

questões que elas enfrentam. Para falar do encanto delas é preciso entrar em matérias sociais que são o contrário de encantadoras.

**Folha** - O sr. quer comentar a idéia do livro? Ele tem unidade?

**Schwarz** - Também preferia ouvir o que você achou.

**Folha** - Algum tempo atrás o sr. contou que as *Duas meninas* seriam a primeira parte de um livro de crítica em que haveria de tudo, desde orelhas de livro e resenhas até discussões de teoria crítica e argumentos políticos, até um conto sobre a privatização de uma pinguela, com prós e contras. O sr. desistiu da mistura? O título não ia ser *Sempre a mesma coisa*?

**Schwarz** - Desde que haja alguma coisa em comum aos trabalhos, sou a favor desse tipo de mistura, que a especialização acadêmica e o purismo das teorias literárias foram pondo de lado. A crítica que se fechou na literatura e se desinteressou do resto não saiu melhor ou mais científica, nem, aliás, mais artística.

**Folha** - Mas, então, por que o sr. preferiu um livro com delimitação de assunto? Ele não ficou menos misturado e mais exclusivamente literário?

**Schwarz** - Os amigos me convenceram de que assim haveria mais foco e que uma eventual discussão sairia ganhando.

O estudo sobre *Dom Casmurro* aponta as forças históricas escondidas na equação formal do romance. Esta, além de detetivesca, é sofisticada ao máximo. O estudo de *Minha vida de menina* faz o percurso inverso. Me impregnei o quanto pude dos apontamentos de Helena Morley, que são extraordinários, sem serem propriamente artísticos, e procurei pressentir as suas implicações formais. A sua organização latente retesa um tecido de uma consistência e complexidade de que poucos romances brasileiros podem se gabar.

Forçando um pouco a simetria, de um lado, o estudo social de uma forma; de outro, a apreciação formal de anotações do dia-a-dia em Diamantina, tomadas, como diz Alexandre Eulalio, “sem intenção de arte”. Salvo engano, o universo comum que dois livros tão diferentes permitem armar sugere especulações interessantes em vários planos, escapando às banalidades escolares sobre a existência ou inexistência de relações entre

literatura e sociedade. Conforme explicava um professor meu, há uma certa reversibilidade própria aos estudos literários, que permite chegar a uma visão aprofundada da realidade a partir da forma, e vice-versa. Seja como for, você vê que o meu livro continua alinhado no campo da mistura.

**Folha** - Mas o que o sr. entende por mistura? O sr. quer dizer que a turma da pureza, da arte separada, quer discutir questões de forma e de linguagem sem entrar noutras dimensões? Qual o inconveniente?

**Schwarz** - Nenhum, salvo que, sem estas dimensões ditas “externas”, o debate artístico se esteriliza logo. Toda forma é forma de alguma coisa, e na ausência desta relação o essencial vai embora. Observe a mudança atmosférica em volta da revolução formal. No período explosivo, das vanguardas, esta sugeria modos de vida mais complexos e universais, que, de um modo ou outro, estariam para além das pautas burguesas.

Hoje, a pesquisa e o cálculo dos funcionamentos da forma, seja qual for, viraram a rotina da publicidade, sem oposição ao objetivo mercantil. Os próprios efeitos de distanciamento e desautomatização, a marca registrada da linguagem moderna, que ambicionavam sacudir o público e despertá-lo de seu sono histórico, agora servem para aliciar o consumidor ou para impedir que ele troque de canal de TV. Assim, se é que é verdade que nalgum momento a desautomatização, por si só, chegou a significar liberdade ou qualidade, isso já não é o caso.

**Folha** - Mas o que isso tem a ver com *Dom Casmurro* e Morley?

**Schwarz** - Como é óbvio, *Minha vida de menina* não tem nada de vanguardista. Mas o livro, que, ao contrário de quase tudo, não está velho, fala à simpatia e à insatisfação modernas. Há muitas razões para isso, algumas próximas do kitsch. Mas há outras que são boas. O leitor, desde que se convença da organização muito rica e mais ou menos involuntária presente nas anotações da menina, sente-se chamado a uma atitude de etnólogo amador, atento a todas as conexões possíveis, sem preconceitos, que é um análogo do estado de espírito aberto e alerta que a arte moderna desejou suscitar. Será que me engano imaginando que o nosso interesse é tonificado pelo caráter real dos apontamentos e de sua

forma tácita, que não é teleguiada pelo mercado? E se o nexa de realidade for um ingrediente estético peculiar?

Dizendo de outro modo, o motivo atual de simpatia pode estar na forma com vigência ordenadora forte, capaz de grandes revelações, sem que, no entanto, responda a um desígnio de ficção ou de artista. A pesquisa artística dos segredos da forma, da linguagem e da ficção foi levada ao impasse pela sua colonização mercantil, à qual os seus achados aproveitam. É claro que não são os apontamentos de Helena Morley que vão mostrar a saída. Mas a textura relacional tangivelmente infinita dos apontamentos, desprovida de propósitos, mas dotada de âncora real, além de favorável à inteligência e ao espírito crítico, marca uma posição estética (que seria ridículo imitar). Como, no fundo, já não acreditamos em intenções individuais que prestem, uma forma em que estas fiquem em suspenso passa a ter apelo. Como gosta de dizer Helena à mãe dela, “pense e responda”.

## **A bomba-relógio**

**Folha** - Fale um pouco sobre *Dom Casmurro*.

**Schwarz** - A invenção mais complexa e desconcertante de Machado é o narrador de seus romances, que, na minha opinião, se deve entender como uma personagem entre as demais, com interesses particulares, além de pouco estimáveis, no pólo oposto da compreensão imparcial e confiável que costumamos buscar em literatura.

**Folha** - O sr. tem certeza? Na escola, os professores de moral e cívica diziam que *Dom Casmurro* era o refinamento sentimental supremo e que todos os brasileiros deveriam se mirar nele.

**Schwarz** - A tese do narrador pouco estimável é inesperada porque a qualidade muito alta da prosa, parecendo estranha ao mundo acanhado das outras figuras, serve de disfarce, de garantia moral. Tem cabimento desconfiar do cavalheiro cético e requintado – a superioridade em pessoa – que está por detrás da escrita? Como duvidar da sua isenção e de seus juízos? À primeira vista, Brás Cubas, Dom Casmurro e o Conselheiro Aires são modelos culturais a imitar. A mesma coisa para o estilista perfeito que tem a palavra no *Quincas Borba*. Entretanto, se entendermos que, além de protótipos de classe dominante,

eles são objeto da denúncia deliberada, ferina e meticulosa, a ficção machadiana dá o salto para o genial.

A ousadia do procedimento é grande e, por isso mesmo, de assimilação difícil. O escritor cultiva as qualidades intelectuais mais ambicionadas pela elite, trata de as aperfeiçoar a um grau inédito na literatura brasileira, mas com o propósito de lhes expor o funcionamento de classe na sua crueldade completa. A viravolta transforma o manual de elegância para gente fina – que é como a ficção machadiana foi lida – numa prosa de extraordinário teor de crítica social. Aperfeiçoar, mas para derrubar de mais alto.

**Folha** - Explique mais um pouco o tamanho dessa queda.

**Schwarz** - O exemplo acabado desta estratégia encontra-se em *Dom Casmurro*, com a sua utilização sarcástica do ultraconformismo. Trata-se da recordação dos amores juvenis de Bentinho e Capitu, seguida pela crônica da felicidade conjugal dos dois e do adultério cometido pela mulher, que deu à luz um filho parecido com o melhor amigo do marido.

Nada mais indiscutível do que a pureza do primeiro amor de um menino e a maldade das filhas de Eva, que pecam por instinto e, por isso mesmo, são sedutoras e deixam desolados os moços bons. Estes chavões, entrelaçados a uma coleção de cenas caras ao convencionalismo saudosista, logo se tornaram a unanimidade nacional.

Demorou 60 anos até que uma professora norte-americana, estranhando a leitura bárbara que Bentinho faz do *Otelo* de Shakespeare, descobrisse que Machado não queria celebrar, mas criticar aqueles clichês do patriarcalismo. Estava desfeita a cilada que o romancista havia armado, certamente com propósito crítico. O que diria ele se soubesse que a sua bomba-relógio iria levar mais de meio século para estourar?

**Folha** - Uma bomba tão póstuma não deixa de ser um problema. Dá para imaginar um fabricante de bombas que não cuide da eficácia?

**Schwarz** - De fato, a técnica de Machado é fantásticamente agressiva, ao mesmo tempo que disfarçada, para não dizer abafada. Cem anos depois, a questão da eficácia é matéria vencida. Mas a denúncia violenta embrulhada em roupagem ostensivamente conformista forma uma combinação especial, que não é fácil de interpretar. A absoluta vitalidade que

Machado conservou, ou que ele vem adquirindo, tem a ver com esta construção. É questão para pensar.

**Folha** - O sr. deu continuidade a uma linha de leituras anteriores?

**Schwarz** - É o que eu ia contar. O livro de Helen Cauldwell, *The Brazilian Othello of Machado de Assis*, tem dois focos: o uso que o escritor faz de Shakespeare e os estragos produzidos pelo ciúme, entre os quais a condenação e ulterior difamação de Capitu pelo seu marido. A viravolta produzida na leitura de *Dom Casmurro* não podia ser mais radical, mas o âmbito da reconsideração inicialmente se limitava às relações entre marido e mulher. O passo seguinte foi dado por um machadiano inglês, John Gledson, que observou que a caracterização de classe de Bentinho e Capitu é muito rica e fiel às peculiaridades da estrutura social brasileira, o que imprimia um caráter historicamente específico ao conflito. Machado, como bem lembra Gledson, trabalhava na invenção de intrigas que fossem significativas de um ponto de vista nacional. A propósito, não deixa também de ser historicamente sugestivo que a virada na interpretação deste romance tão preso aos aspectos mais idealizados da dominação de classe no Brasil tenha sido obra de críticos estrangeiros. Dito isso, meu trabalho retoma estas conclusões e trata de vê-las em termos da dinâmica interna do romance, a qual procuro caracterizar como problema a um só tempo histórico e estético, que trato de interpretar em seu rendimento.

**Folha** - O de Helena Morley parece um livro cândido, nada a ver com o cipoal de perfídias que o sr. explora em *Dom Casmurro*. Não será forçado aproximá-los?

**Schwarz** - Se a linha de contato não for arbitrária, a diferença aumenta o interesse da comparação. Mas, antes de comentar os pontos em comum, devo dizer que *Minha vida de menina* não precisa da vizinhança de *Dom Casmurro* para ser um ótimo livro.

Dito isso, postas lado a lado, as duas obras tornam tangível o que se poderia chamar de “matéria brasileira”: um conjunto de relações altamente problemático, originário da colônia, solidamente engrenado, incompatível com o padrão da nação moderna, ao mesmo tempo que é um resultado consistente da própria evolução do mundo moderno, a que serve de espelho ora desconfortável, ora grotesco, ora utópico (nos momentos de euforia). A tenacidade desta estrutura é ponto assentado de nossa historiografia. O que procurei indicar



no livro é que vários momentos fortes da inteligência brasileira, inclusive as invenções literárias mais originais, lhe respondem de forma também estrutural e lhe devem a relevância.

**Folha** - Vamos voltar à comparação entre os livros?

**Schwarz** - O narrador especioso de Machado de Assis reúne uma fina estampa, aparentando máxima civilidade, às prerrogativas da propriedade em terra de escravos, agregados e gente pobre sem direitos. Os meandros meio inconscientes e meio cínicos desta figura, que, sem exagero, sintetiza e revela um aspecto da incongruência mundial, são uma grande especialidade machadiana. É claro que no livro de Helena Morley, que não tem maiores intenções de arte, não há dispositivos narrativos com essa potência ou grau de deliberação.

Entretanto, as mesmas relações que em *Dom Casmurro* estão condensadas e atritadas no íntimo do narrador, em *Minha vida de menina* se encontram em ordem dispersa, mas variada e cheia de correspondências. A intensidade e a vertigem moral não se comparam, mas a complexidade e o interesse dos mesmos conflitos estão lá. Espelhados um no outro, os livros dizem muito sobre a dimensão estética da realidade e sobre a dimensão real de um artifício artístico supremo como é o narrador machadiano.

**Folha** - O sr. escreve páginas e páginas sobre a qualidade literária de *Minha vida de menina*. Será que não acabou gostando mais de Helena Morley do que de Machado?

**Schwarz** - Não são livros ou autores que compitam. Mas, de fato, a beleza eventual da escrita que não ambição de arte é um tópico interessante, que convida a crítica a sair do espaço um pouco estreito das teorias literárias do momento. Além disso, havia o desafio de persuadir o leitor de que o livro é mais do que engraçadinho.

**Folha** - Mas os episódios de Helena são singelos. O sr. os aproxima, contrasta, concatena etc., para fazer com que surja a sua complexidade. Não pode haver exagero nisso? E o sr. não corre o risco de estar fazendo a propaganda de um realismo simplório, que aposta no alcance de anedotas triviais?

**Schwarz** - A pergunta é boa. A ressonância entre os episódios de Minha vida de menina é grande e do maior interesse. O leitor vai verificar se exagerei e se as relações que procurei indicar não estão lá. Quanto à propaganda do realismo, garanto que não é isso. Não há dúvida que a graça do livro está na simplicidade das anedotas, que vão multiplicando aspectos, às vezes complementares, às vezes contraditórios, até compor um universo de complexidade surpreendente. E é verdade também que, quando ela é possível, a simplicidade complexa tem algo sem igual. Mas ela é possível só raramente, na dependência de circunstâncias históricas que procurei sugerir.

**Folha** - A certa altura, o sr. compara a simplicidade de Helena à prosa túrgida de algumas grandes figuras da virada do século. O sr. está mesmo querendo dizer que ela escreve melhor que Euclides da Cunha ou Raul Pompéia?

**Schwarz** - A palavra não seria essa, mas, de fato, me parece monstruosa a salada que junta naturalismo e parnasianismo, *écriture artistique* e racismo científico, eloquência épica e terminologia técnica. Por momentos, a mistura chega a ter um rendimento estético à revelia, pela enormidade da alienação. O lado nocivo surge quando se trata dos pobres, que, em lugar de serem percebidos na posição de classe complementar à de quem fala, são colocados na escala evolutiva das raças, das religiões, dos estratos geológicos, a uma distância de milênios, quase que fazendo parte de outra espécie.

O contraste com a prosa franca e espirituosa de Helena, inimiga de afetações de superioridade, é grande. Por ser criança e não ser escritora, ela passa ao largo das alienações ideológicas e artísticas em que se enroscou parte dos intelectuais da época. Escolada na informalidade familiar, íntima de toda sorte de trabalhos, bem como da pobreza e dos ridículos do mando, a menina não erra na escrita e, muitas vezes, acerta de forma arrebatadora. Seja pelas causas, seja pelos efeitos, a diferença intriga.

**Folha** - É verdade que o sr. pensou em comparar Machado de Assis e Henry James?

**Schwarz** - Alguém devia aproximá-los, porque vale a pena. A entrada podia estar no uso crítico que os dois fazem do ponto de vista. Já se escreveu muito sobre a técnica dos refletores, em que as personagens são vistas umas por intermédio das outras, desaparecendo o prisma onisciente, que era superstição. A técnica é essa, mas o seu peso cresce muito

quando ela é atravessada por diferenças que não sejam apenas individuais, noutras palavras, quando o espelhamento recíproco diz respeito à própria estrutura do processo.

Em James, por exemplo, o comercialismo meio puritano ou o puritanismo meio comercial da cultura norte-americana vê seu reflexo lamentável nos olhos tão prezados da civilizada Europa, cujo amálgama burguês-feudal, entretanto, lhe causa sagrado horror. A integração e ocasional oposição dos ângulos bárbaro e civilizado nos cavaleiros machadianos já foi comentada. James e Machado foram leitores atentos de seus predecessores nacionais e trataram de tirar proveito do trabalho destes, de modo a tornar mais representativo o seu próprio. Os dois conseguiram desprovincianizar a experiência de seus países mal ou bem periféricos, de modo a vê-la como um problema contemporâneo etc.

### **Marx fora da sala**

**Folha** - O sr. nasceu na Áustria e veio para cá muito cedo. A sua curiosidade pelas coisas brasileiras, que é certamente um traço forte da geração de intelectuais a que o sr. pertence, vem desde os seus primeiros anos de formação?

**Schwarz** - Eu entrei na faculdade, em 1957, para estudar ciências sociais. Foi um banho de Brasil. Os colegas do interior, de todas as classes, com toda ordem de preocupações – tudo isso foi para mim uma revelação. Eu sou de família austríaca, judia, de esquerda, que chegou ao Brasil um pouquinho antes de começar a Segunda Guerra. Eu não tinha um ano de idade. Como é natural, uma família assim, como a minha, costuma ser bastante isolada das realidades do país.

Eu fiz o secundário numa escola de classe média, em que a ambição geral era ter pouco a ver com os aspectos mais especiais da sociedade brasileira. Por essas razões todas, a faculdade foi para mim uma entrada mais regular no Brasil, em parte também pela presença maior da política, do engajamento político de muitos colegas.

O curso de ciências sociais da USP, na época, era muito bom. Na faculdade, havia a divisão entre os cursos que estavam vivos e os que estavam mortos. O de ciências sociais era um curso vivo. Isso queria dizer que tinha contato com o debate intelectual internacional e que tinha algo a dizer sobre o próprio país. Hoje, vindo de longe, uma das coisas notáveis é que se sentia muito, por parte dos professores, uma ambição científica real.

Muitos queriam produzir uma obra que fizesse diferença. Fazia parte desse esforço científico que o resultado, de alguma forma, puxasse para a esquerda. Talvez dizer esquerda seja exagerado, mas que, de qualquer forma, puxasse para o campo democrático.

Como observou Antonio Candido, se estudavam as questões do negro, do caipira, dos caiçaras, a cultura popular, enfim, temas ligados a uma reavaliação democrática da cultura nacional.

O importante é que o clima era de esforço científico; não havia nisso nenhuma demagogia, nenhum populismo. Isso era diferente porque, de maneira geral, ou esses temas não são encarados ou são encarados de maneira sentimental e difícil de sustentar do ponto de vista de uma análise racional.

Outro aspecto interessante da faculdade da época era uma espécie de zum-zum bibliográfico, quanto aos teóricos estrangeiros adotados. Como o curso era imparcial, tomávamos contato com Weber, Durkheim, Parsons, mas não com Marx.

**Folha** - Mas Marx foi a grande influência teórica da sua geração.

**Schwarz** - Ele ficava para as conversas de corredor. Os professores tomavam partido de um ou outro teórico, e havia um esforço geral de verificação desses autores a partir do uso que pudesse ser dado a eles no Brasil.

Houve uma espécie de aclimação, de naturalização dos autores, que era muito interessante. Entre os professores mais jovens, o clima era menos imparcial. Todos esses autores teriam seus méritos, mas o bom mesmo era o Marx, que curiosamente não entrava na sala de aula.

### **Fora do lugar-comum**

**Folha** - A partir de que momento Antonio Candido se tornou a presença decisiva na sua formação?

**Schwarz** - No terceiro ano da faculdade comecei a enxergar o rumo que as ciências sociais tomavam. Estava ficando claro que um bom sociólogo era alguém que fazia pesquisa empírica, de preferência quantitativa, com metodologia norte-americana. Eu senti que não era a minha vocação. Fui, então, chorar as mágoas com o Antonio Candido, que tinha

passado para as letras e, naquele momento, estava em Assis. Quando ele resolveu virar professor de literatura, primeiro passou dois anos em Assis, ensinando literatura brasileira, para ter tempo de se preparar bem e depois vir a São Paulo assumir a cadeira de teoria literária.

**Folha** - Ele se auto-exilou em Assis para se preparar?

**Schwarz** - É. Foi para lá preparado e voltou preparadíssimo. Então fui até lá perguntar a ele o que achava da minha crise, que, mal comparando, já tinha sido a dele. Ele me estimulou e depois me convidou a ser assistente dele, desde que eu fizesse um mestrado em teoria literária e literatura comparada no estrangeiro. Quando acabei a faculdade, em 60, fui para os Estados Unidos fazer mestrado em Yale. Nesse mesmo ano, houve um congresso de crítica em Assis, no qual o Antonio Candido fez uma comunicação que para mim foi decisiva. Nela, ele anunciava mais ou menos o programa crítico da fase dele posterior à *Formação da literatura brasileira*. A comunicação foi publicada em *Literatura e Sociedade*, com o título "Crítica e Sociologia".

**Folha** - A *Formação* é de 1959?

**Schwarz** - Isso. Mas, como eu dizia, no ensaio em questão Antonio Candido procurava dar uma resposta mais sofisticada à questão das análises internas e externas em literatura. Ele dizia que essa oposição é superável e que uma boa análise literária consegue acompanhar aquilo que ele chama de processos de estruturação – processos por meio dos quais elementos da vida social se estruturam e passam a atuar no interior da obra literária, enquanto forma. Isso tem muitas conseqüências, que ele próprio foi tirando aos poucos.

**Folha** - Mas voltemos à conferência de Assis...

**Schwarz** - O Antonio Candido apresentou uma tese quase programática. Era um esforço de superar o antagonismo entre a crítica sociológica e a formalista. Ele tinha formação sólida nos dois campos; seja na crítica de orientação sociológica, seja na sua recusa pelo *New Criticism* e por análises de tipo formalista. Naquela altura, em 61, ele estava tentando dar um balanço na experiência intelectual dele, de que as duas tendências haviam feito parte.

Os momentos em que um intelectual considera o que acumulou durante a vida, sobretudo nos seus aspectos contraditórios, e tenta dar um passo a frente, esses obviamente são os bons.

**Folha** - Voltando ao seu período de formação nos EUA. Se não me engano, o sr. já o descreveu como uma espécie de choque elétrico.

**Schwarz** - Bom, eu fui para o aeroporto no dia em que Jânio Quadros deixou a Presidência. Ele renunciou enquanto eu estava no ar. Saí do Brasil sem saber. Quando cheguei lá, todos me perguntavam o que tinha acontecido. Eu não tinha a menor idéia. Nos Estados Unidos, passei dois anos em Yale. A impressão das impressões foram as bibliotecas. É uma coisa da qual você nunca mais se recupera. A nostalgia de qualquer intelectual latino-americano só pode ser passar uma temporada naquelas bibliotecas sem ter a preocupação de dar aulas.

Também fiquei muito impressionado com o ritmo de trabalho na pós-graduação. A graduação lá é bastante folgada e eles tratam de tirar o atraso na pós de modo violento. Eu fiz as contas, na época, e tinha que ler 110 páginas por dia para acompanhar os cursos. Era duro e eu senti, na época, como uma brutalização intolerável, que neurotiza qualquer um.

Quando cheguei lá, foi o primeiro ano em que entraram moças nos cursos de pós em Yale. A graduação era só masculina. As meninas eram em número mínimo e o clima era realmente monacal. A contrapartida eram os porres gigantescos nos fins-de-semana, uma coisa triste. Sentia tudo aquilo como um retrocesso grande. Saí do Brasil achando que era um intelectual e estava fazendo *papers* a toque de caixa. Passado o tranco, o fato é que aproveitei muito. Quando voltei e vi que aqui ninguém fazia nada, ou que se fazia pouco, comparativamente, desisti de descansar e continuei a me impor o mesmo ritmo de trabalho. Demorei uns bons anos até desenlouquecer. Depois, a política começou a tomar conta e eu desenlouqueci do lado acadêmico e enlouqueci do outro.

**Folha** - Em Yale, o que lhe despertou maior interesse?

**Schwarz** - A coisa mais interessante talvez tenham sido os chamados *American Studies*, nos quais se estudava uma mistura de textos de teologia puritana, os primeiros romances, história social dos Estados Unidos, tudo isso integrado ao problema da formação da nacionalidade e da cultura norte-americana. Era uma coisa de muito bom nível e de pouco

prestígio intelectual. Este era reservado às disciplinas de assunto europeu, o que dava a medida de como os EUA ainda se sentiam uma cultura até certo ponto secundária. O prestígio máximo era dos estudos clássicos, de grego e latim.

**Folha** - O sr. destacou o perfil puritano da sociedade norte-americana, mas, nos anos 60, sobretudo nos EUA, as coisas viraram do avesso. Qual a experiência da famigerada liberação comportamental para um estudante latino-americano isolado em Yale?

**Schwarz** - Quando estava lá, a liberação sexual estava apenas começando. Uma das modas era ir em bando à praia, onde as moças tiravam a blusa e o sutiã. Os seios ao ar livre eram a parte da liberação. Só que os rapazes não podiam olhar. Se olhassem, era uma baixaria, porque a cultura era puritana. O resultado era uma coisa deprimente, tristíssima, uma espécie de naturalismo assexuado. Para quem vinha da América Latina, onde não havia liberação sexual, mas também não havia a negação da sexualidade, era de matar.

**Folha** - Herbert Marcuse, que pouco depois se tornaria uma espécie de guru acadêmico da contracultura, vivia nos EUA nos anos 60. Como foi seu contato com ele?

**Schwarz** - É uma história divertida. Um dia achei numa livraria um livro chamado *O Marxismo soviético*, de um sujeito chamado Marcuse, que eu desconhecia. Comecei a ler com o maior desprezo, pensando que era mais um produto da indústria anticomunista. Logo percebi que era muito bom.

Pouco depois, houve um grande acontecimento político em Yale e foi falar lá um sujeito chamado Chester Bowles, que era o embaixador itinerante do presidente Kennedy. Ele foi falar sobre Terceiro Mundo, imperialismo, algo assim. Eu ouvia e torcia o nariz, achando muito ruim. Vi que, a meu lado, havia um casalzinho que também ridicularizava a exposição. Quando acabou a conferência, fomos tomar um café e logo ficamos amigos. No meio da conversa, contei que havia feito uma descoberta, um livro de um tal Marcuse. Caíram na gargalhada. Não entendi nada. Dizia que eles estavam enganados, que era bom mesmo, até que o rapaz me contou que era enteado do Marcuse.

**Folha** - O sr., então, foi conhecer Marcuse?

**Schwarz** - Ele ensinava em Brandeis, ao lado de Boston. Fui até lá, com os amigos. Me preparei para a visita, queria perguntar uma porção de coisas. Quando chegamos lá, a única coisa que ele queria mostrar era um álbum de colagens que tinha feito em que se viam vedetes de pernas abertas e foguetes balísticos intercontinentais entrando nelas. Ele estava mesmo empenhado numa espécie de surrealismo antiimperialista, ao qual ele dava o maior valor. Quando, enfim, ele cansou da sessão de colagens, conversamos bastante. Ele me mostrou os manuscritos do *Homem unidimensional - a ideologia da sociedade industrial*, que estava terminando. Ele estava satisfeito e disse: “Dessa vez eu dei o troco”. Eu tinha acabado de ler *Eros e civilização*, que é anterior, e notei que tinha muita citação de Marx sem aspas. Perguntei a razão e ele respondeu que escrevera em parte pelo interesse por Freud e em parte pelo desejo de veicular idéias marxistas nos Estados Unidos, o que era impossível se ele citasse o próprio. Era um expediente para colocar em circulação coisas inteligentes e razoáveis que, com as aspas devidas, seriam barradas de saída, antes de serem consideradas.

**Folha** - Uma maneira de driblar o cerco macartista.

**Schwarz** - Isso mesmo. Nesse mesmo dia, no meio do almoço, chegou lá o outro filho do Marcuse, que era militante do Partido Democrata. Começaram a falar de política e o filho criticou muito duramente o pai, acusando-o de ficar imerso em teorias remotas, coisas que não têm nada a ver com a realidade, dizendo que aquilo tudo era um escapismo, etc. Numa certa altura, o Marcuse, que era um homem grande, calmo, tipo alemão bonachão, perdeu a paciência, bateu na mesa e falou: “Você está muito enganado; eu estou ajudando o marxismo a hibernar. Você ainda vai ver se o que estou fazendo tem relevância ou não tem”. De fato, pouco tempo depois *O Homem Unidimensional* fez um barulho considerável.

**Folha** - E as relações dele com o Adorno?

**Schwarz** - Quando perguntei, ele respondeu: "Adorno é meu farol". Ele tinha uma admiração sem tamanho pelo Adorno.

**Folha** - A escolha de Machado de Assis, na volta ao Brasil, está longe de ser ocasional. O sr. sabia aonde ia chegar desde o início?



**Schwarz** - Comecei pensando em fazer uma análise do humor de Machado de Assis. A questão das mediações era uma obsessão para quem queria fazer crítica de inspiração marxista sem cair em facilidades. Lembro-me de uma frase do Sartre que dizia: “No balanço da sintaxe de um bom autor você pode encontrar o movimento geral da sociedade”. Ou seja, havia um arco entre o mais singular ou contingente e o dinamismo geral. A idéia de que fosse possível estabelecer conexões entre coisas tão distantes excitava muito os espíritos dialéticos. Aliás, são coisas que continuam me interessando.

**Folha** – “As Idéias Fora do Lugar”, o ensaio de 72, que depois virou o capítulo de abertura de *Ao Vencedor as Batatas* (1977), é certamente seu texto mais famoso, a ponto de levar alguns, bem ou mal-intencionados, a chamá-lo de “senhor idéias fora do lugar”. A despeito do impacto que o artigo provocou, ou por isso mesmo, não faltaram as objeções, algumas rasteiras, outras bem-informadas, mas todas devidamente inflamadas. Não é sempre que um texto tem o poder de dividir um ambiente intelectual inteiro. O sr. esperava isso? Como vê hoje as críticas?

**Schwarz** - Evidentemente que eu não escrevi meu estudo para botar as idéias no lugar, nem para dizer que elas estão fora do lugar. O tema real de meu trabalho é explicar por que as idéias no Brasil dão a impressão, repito, dão a impressão de estarem fora do lugar. É claro que, em sentido óbvio, as idéias não têm lugar determinado.

Além disso, não fui em que disse que elas estão fora do lugar. Essa artificialidade das idéias modernas no país é, na verdade, o lugar-comum mais estabelecido do pensamento conservador brasileiro desde a Independência. É quase uma ladainha. Como é que as pessoas vão defender idéias liberais aqui, quando temos escravos. Essas idéias são importação, não têm fundamento, não me venham com idéias modernas aqui que isso só atrapalha. Nós temos escravos, precisamos dos escravos e liberalismo é uma bobagem, além de ser uma mentira também na Europa, porque, como gostavam de dizer, era melhor ser escravo no Brasil do que operário na Inglaterra. O operário morria de fome, enquanto o escravo tinha sempre seu senhor para protegê-lo.

Isso posto, vou me repetir. A matriz histórica do problema é simples: você tem a colônia assentada sobre o trabalho escravo; com a conquista da independência política, a

organização da economia não muda, e o país se inscreve na nova ordem mediante a continuação da ordem escravista. É um dado estrutural: o país tem que incorporar as idéias necessárias à constituição de uma nação moderna sobre uma base de relações de trabalho que é abominável à luz daquelas idéias.

Procurei dar uma explicação histórica para esse mal-estar que a vida ideológica moderna desperta num país que produz e se reproduz sobre a base de relações sociais incompatíveis com esse ideário moderno. Esse meu modo de encarar a questão foi mal-entendido constantemente. A começar pelo fato de terem atribuído a tese a mim.

**Folha** - De quem partiram as objeções mais incisivas?

**Schwarz** - As duas objeções mais fortes a meu esqueminha vieram da Maria Sylvia de Carvalho Franco e do Alfredo Bosi. Cada um à sua maneira procurou mostrar que as idéias estrangeiras não estavam fora do lugar porque tinham função na vida brasileira. O argumento é que, quando uma coisa tem função, ela não está fora do lugar, ela está, por assim dizer, autenticada. Só que na minha construção de modo nenhum eu disse que elas não tinham função. Digo que elas podem ter função e dar a impressão de estar fora do lugar. Que o liberalismo tinha função no Brasil é algo evidente, entretanto, é inevitável também que, à luz dele, a escravidão parecesse grotesca e que ele, à luz da escravidão, também parecesse grotesco e, portanto, desse a impressão de estar fora do lugar.

A resposta que eu procurei dar vai no sentido contrário dos críticos da importação de idéias. Em geral as pessoas querem dizer: “Se não importássemos essas novidades estrangeiras, não teríamos vida intelectual artificial, mas autêntica”. O que torna as idéias artificiais, como procurei mostrar, não é o fato de serem estrangeiras, mas sim o fato de que os pobres estão excluídos do seu âmbito. O absurdo, hoje, não é a aspiração a nos integrarmos ao Primeiro Mundo, mas sim que o conjunto de vantagens e direitos ligados à essa aspiração seja completamente inacessível a uma parte importante da população, o que faz parecer postiça aquela pretensão. A chave desse caráter danificado da cultura brasileira não é a importação cultural, mas a exclusão social.

**Folha** - O seu ensaio “Nacional por Subtração”, que está no livro *Que horas são?*, é uma resposta às críticas ao texto anterior?

**Schwarz** - Em parte é uma resposta. O fato é que a boa ou a má sorte que teve esse título se deve ao fato de que toca num ponto melindroso. Suponho que grande parte das pessoas que me objetaram não tinham lido o ensaio, mas o título. É um título que pegou.

### **FHC e a chanchada**

**Folha** - Desde que Fernando Henrique se elegeu presidente, talvez até um pouco antes, a esquerda, sobretudo a acadêmica, se dividiu de forma inédita e vem trocando farpas e insultos constantemente. O “fernandismo” de alguns e o “anticardosismo” de outros saltaram para o primeiro plano, prejudicando, dos dois lados, a análise crítica e, muitas vezes, a própria capacidade de pensar o que está acontecendo. Sendo ao mesmo tempo de esquerda e amigo pessoal do presidente, este, para o sr., não é assunto dos mais fáceis de lidar. Qual o real impacto do governo FHC na intelectualidade?

**Schwarz** - Não sei se a pergunta é boa. No substantivo, a esquerda está em crise por causa de uma mudança havida no capitalismo mundial, e não por causa do governo FHC. A mudança foi objetiva e deslocou as balizas políticas nacionais com que o reformismo, como aliás a revolução, costumavam contar. Sumariamente, as reformas da esquerda dependiam do fortalecimento do campo popular diante do Estado e do capital assentado no país. Com a atual preponderância e mobilidade do capital mundializado, que sempre pode preferir outra plagas, o alcance daquele fortalecimento ficou menor e, com ele, a própria esquerda, enquanto não conseguir uma expansão paralela à do capital. Essas coisas é bom lembrar para que não se descarreguem no governo FHC dificuldades que a esquerda, se estivesse lá, encontraria igualmente ou em maior escala.

Acontece que FHC, antes de articular a aliança de centro-direita que o levou à Presidência, foi um dos líderes intelectuais da esquerda. Uma parte desta o acompanhou, outra ficou contra, e uma boa dose de azedume de parte a parte foi inevitável. Mas, do ponto de vista intelectual, é interessante notar a continuidade nas análises de FHC, que, até onde vejo, não mudaram muito de estilo.

Se isso for exato, nós, os adversários de esquerda, poderíamos nos questionar a respeito do nosso próprio arsenal de categorias, próximas das dele, quando não formuladas

por ele mesmo. Desenvolvimentismo, primado da economia, análise de classes, visão fria da dinâmica internacional, todos esses méritos do marxismo razoável são compatíveis com a linha do governo atual.

As conseqüências a tirar dão para todos os gostos. Seria razão para apoiar o governo FHC? Para lhe dar apoio crítico? Seria razão para rechaçar a teoria, para revê-la e examinar os pontos em que ela pode deixar de ser anticapitalista? Ou, ainda, seria razão para fazer oposição sem teoria, diretamente inspirada no intolerável da fratura social?

De outro ângulo, é claro que um governo tão cheio de intelectuais toca os intelectuais, que, mal ou bem, convicções à parte, vêem seus atributos postos à prova. Se não me engano, a urbanidade e clareza com que o presidente é capaz de se explicar na televisão representaram uma novidade para o país e mostraram virtualidades inesperadas na profissão de professor. Mas é claro que, volta e meia, o Brasil entra pela janela e transforma em chanchada a aula que ia tão bem.

**Folha** - Qual a matéria dessa aula?

**Schwarz** - O horizonte do governo FHC é de atualização capitalista. Apesar do progressismo ostensivo, a ênfase que resulta é intelectualmente conservadora. Ela encontra o foco na diferença que nos separa dos países ricos, o que os transforma em padrão de excelência, aceito de maneira acrítica. Todo leitor de jornal, entretanto, sabe que eles estão em dificuldades, em parte parecidas com as nossas. Aliás, a necessidade de captar investimentos estrangeiros protege de debate a feição socialmente absurda de seu movimento errático, o qual teria justamente de ser criticado. Além disso, nada indica que a atualização seja, de fato, generalizável para a população, e muito menos para o conjunto das nações, que anda esquecido.

É muito possível que a atual falta de brilho de nosso debate intelectual se deva a essa situação nova, aliás antiga: a busca da solução para o país por meio do acatamento da ordem internacional que é a causa do problema. O vigor intelectual do período anterior se deveu justamente à articulação entre crítica da ordem social interna e crítica da ordem internacional, que emprestava vibração e relevância contemporânea aos debates nacionais, que, mal ou bem, tinham algo a ver com a melhora da humanidade e com a compreensão da feição inaceitável tomada pelo progresso.

**Folha** - Vamos saltar para trás, de FHC para o regime militar. Escrevendo sobre o ambiente cultural brasileiro entre 64 e 69, num ensaio de 1970, depois publicado em *O Pai de família e outros ensaios*, o sr. faz uma análise crítica do tropicalismo que passou batida por alguns e foi malvista por outros. Tratava-se, no ensaio, de entender a justaposição tropicalista entre o arcaico e o moderno, justaposição que, segundo o sr., atualizava no plano artístico (e no âmbito da cultura de massas) a interpretação dualista do Brasil, justa mente no momento em que a ciência social no país tentava superar essa construção. O sr. escreve, a certa altura, sobre o engenho tropicalista: “O veículo é moderno e o conteúdo é arcaico, mas o passado é nobre e o presente é comercial; por outro lado, o passado é iníquo e o presente é autêntico etc.”.

**Schwarz** - Esse ensaio lida com a posição em que ficaram os intelectuais com simpatia pelo campo popular depois de 64. O golpe, evidentemente, foi uma grande derrota dos progressistas. Mas não foi um entrave ao progresso econômico, ao contrário do que a esquerda imaginava. Aconteceu ao mesmo tempo uma coisa surpreendente: na área cultural houve um período de grande exuberância da esquerda entre 64 e 68. Como a esquerda elaborava isso? Era uma situação difícil. O tropicalismo foi uma das maneiras mais profundas e ácidas de refletir sobre essa questão.

De certo modo, o tropicalismo é um estilo artístico – se nós quisermos reduzi-lo a uma fórmula – em que entra um elemento de forma avançado acoplado a um elemento de conteúdo próprio do arcaísmo brasileiro. Essa combinação aparece com uma conotação de absurdo. Isso é uma fórmula artística relativamente fácil de produzir, o que não é um defeito e pode dar bons resultados. Essa fórmula retinha a experiência histórica de 64, em que surgia uma modalidade de progresso que não transformava o país em sentido progressista. O golpe de 64, como se sabe, foi um protótipo de modernização conservadora. Eu quis indicar que essa fórmula tropicalista alegorizava a combinação muito problemática entre progresso e arcaísmo no Brasil.

Meu artigo foi contabilizado como uma crítica ao tropicalismo, quando a intenção era vê-lo como uma formulação forte daquele momento histórico, com todos os problemas que aquele momento punha em cena. Acontece que a problemática em si era muito negativa e o tropicalismo a condensava.

**Folha** - Pedir para que seus contemporâneos entendessem o que estava em jogo no ensaio era demais para a época.

**Schwarz** - É. Era um Fla x Flu. Voltando ao tropicalismo, acho que o crítico interessante é o que encontra os problemas e explicita o quanto da problemática contemporânea foi retida e aprofundada numa obra. Mas, quando você fala dos problemas, logo pensam que é ofensa pessoal. Para terminar, em diria que 64, para mim, foi uma aula do que não muda no Brasil. A minha compreensão do Machado de Assis certamente se alimentou muito do grotesco que 64 pôs na rua.

**Folha** - O sr. escreveu um longo ensaio a respeito de *Três mulheres de três pppês*, único trabalho de ficção de Paulo Emilio, publicado no ano de sua morte, em 1977. Ele próprio dizia, em tom irônico, que o sr. estava levando o livro muito a sério, que aquilo era um exercício lúdico, uma espécie de brincadeira. Não poderia haver contraste maior entre essa confissão do autor e as palavras finais do seu texto. Eu cito: “É a melhor prosa brasileira desde Guimarães Rosa quem o diz, e não como tese, mas por força da coerência de seu trabalho artístico”. Com quem ficamos, com o crítico ou com o autor?

**Schwarz** - Eu achava e continuo achando o livro do Paulo Emilio muito especial, e acho também que a crítica não deu o reconhecimento devido. De certo modo, o problema estético do livro é da mesma ordem do que vimos em outros autores. É uma ficção feita com prosa de ensaísta de alto nível, coisa quase inexistente no Brasil. O Paulo Emilio se destaca na ficção nacional por ser um intelectual com uma formação vasta em várias áreas. Os recursos literários dele são de universitário. A prosa é de uma velocidade, um nível de abstração, uma capacidade de circular entre assuntos aparentemente díspares, ou mesmo desconexos, que é extraordinária.

É, portanto, uma prosa de ensaísta de alto nível. E ela se combina com a problemática paulista tradicional, com um sistema de conflitos completamente ultrapassado e grotesco. Isso cria uma comicidade própria e faz com que o alto nível intelectual não sirva para nada. Ele aparece como uma espécie de exibição de brilho inútil. É, nesse sentido, uma dramatização do que já discutimos: a impotência do desejo de modernização.

**Folha** - O sr. fala em descompasso entre o âmbito acanhado dos personagens e a altura da prosa.

**Schwarz** - Que é uma característica também do Machado de Assis. A prosa pertence a um universo mental incomparavelmente mais rico do que o das personagens. Isso produz uma sensação de impotência e um humorismo muito particulares. O Paulo Emilio está estruturalmente filiado ao Machado de Assis. Isso vai configurando uma problemática nacional. O livro é impensável sem uma enorme acumulação e uma vida bem realizada do ponto de vista intelectual, que, entretanto, não passam de palha. Uma conclusão dura, vista a qualidade do que ela anula.

Penso que é razoável dizer que no período brasileiro recente, os prosadores mais interessantes talvez tenham sido ensaístas. Particularmente os do grupo do próprio Paulo Emilio reunidos em *Clima*. A prosa esteticamente mais satisfatória e adulta dos últimos tempos é a dos ensaístas.

**Folha** - Anatol Rosenfeld, que hoje anda meio esquecido, foi um dos intelectuais que mais o influenciaram. Qual exatamente o peso dele na sua formação?

**Schwarz** - Junto com Antonio Candido, o professor a quem eu mais devo é Anatol Rosenfeld. Quando meu pai morreu, eu tinha 15 anos, e o Anatol, que era amigo dele, passou a me orientar um pouco. Nos víamos toda semana. Conversávamos de tudo. Ele havia preparado seu doutorado de filosofia em Berlim, quando o nazismo o obrigou a fugir. A linha dele era especial. Tinha formação acadêmica muito boa, mas preferiu não ir para a universidade. Vivia como intelectual independente. Ele se interessava muito pelo *New Criticism* e, de modo geral, pela análise de texto, coisa que ele combinava com uma espécie de questionamento filosófico do mundo contemporâneo. Tinha simpatias pela esquerda, mas alimentava uma certa birra do marxismo, que considerava dogmático. Fazia análises de texto muito pormenorizadas, sem nenhum preconceito, incorporando à análise tudo o que o objeto propiciasse. Essa liberdade de espírito, que contrariava e ainda contraria a compartimentação acadêmica, impressionava muito e tinha resultados inesperados.

## PERSONAGENS DA ENTREVISTA

**Antonio Candido** (1918) - Sociólogo de formação, criou a curso de teoria literária da USP nos anos 60. É um dos mais influentes críticos literários do Brasil, autor de *Formação da literatura brasileira*, *Literatura e sociedade* e *O Discurso e a cidade*, entre outros.

**Anatol Rosenfeld** (1912-1973) - Intelectual alemão, chegou ao Brasil fugindo da perseguição aos judeus. Atuou em diversas áreas, como estética, crítica literária e teatral. Autor de *O Teatro épico* e *Texto/Contexto* (Ed. Perspectiva).

**Paulo Emilio Salles Gomes** (1916-1977) - Crítico de cinema e escritor. Foi fundador da Cinemateca Brasileira. Participou da revista *Clima*, na década de 40, com Gilda de Mello e Souza, Antonio Candido, Décio de Almeida Prado e Lourival Gomes Machado.

**Herbert Marcuse** (1900-1979) - Pensador alemão da Escola de Frankfurt. Colega e amigo de Adorno, foi o mentor das manifestações de maio de 68 na França. É autor de *Eros e civilização*, *O Homem unidimensional* e *Razão e revolução*, entre outros

**Theodor W. Adorno** (1903-1969) - Filósofo alemão, um dos grandes expoentes da Escola de Frankfurt. Forjou, com Max Horkheimer, a expressão “indústria cultural”. Autor de *Dialética do esclarecimento* (com Horkheimer), *Minima moralia*, *Das estrelas para a Terra* e *Dialética negativa*, entre outros.

**Georg Lukács** (1885-1971) - Filósofo e crítico húngaro de inspiração marxista. Autor de *A Teoria do romance* e *História e consciência de classe*, entre outros.

**Henry James** (1843-1916) - Romancista e contista norte-americano. É autor de *Retrato de uma Senhora* e *A Volta do Parafuso*.



## Capitu

Leia trecho do ensaio de Roberto Schwarz “A poesia envenenada de *Dom Casmurro*”  
ROBERTO SCHWARZ

A gama das relações de dependência paternalista no romance (*Dom Casmurro*) é variada e escolhida. (...) No próprio campo dos dependentes, o oposto de José Dias é Capitu. A diferença, ligada ao mandamento moderno de autonomia da pessoa e objetividade do juízo, ou, noutras palavras, ao choque entre a norma paternalista e a norma burguesa, tem significado moral saliente. Sem prejuízo das constantes artimanhas, o agregado não se concebe propriamente como indivíduo, à parte da família a que serve, com a qual se confunde em imaginação e cuja importância lhe empresta o sentimento da própria valia. A sujeição ao marido de dona Glória, depois à viúva e finalmente ao filho não é uma contingência externa, mas o molde do seu espírito, cujas manifestações não se desprendem nunca da necessidade imediata de agradar e emprestar lustre.

Capitu, pelo contrário, satisfaz os quesitos da individuação. A menina sabe a diferença entre compensações imaginárias e realidade, e não tem apreço pelas primeiras. Em país tão sentimental, ainda mais em se tratando de mocinhas, deve-se assinalar o incomum dessa iniciativa machadiana de estudar a beleza, a aventura e a tensão próprias ao uso da razão. Assim, quando a santa mãe de Bentinho resolve cumprir uma promessa e mandar o filho para o seminário, pondo em risco os planos conjugais da vizinha pobre, esta explode num raro espetáculo de independência de espírito e inteligência. É Bento quem primeiro lhe traz as novas, que a deixam lívida, os olhos vagos, olhando para dentro, “uma figura de pau”, o tempo de se dar conta da situação; depois ela rompe no inesperado “— Beata! carola! papa-missas!”. Capitu não só tem desígnios próprios, os quais consulta, como tem opinião formada e crítica a respeito de seus protetores, e até da religião deles. Em seguida ela reflete, aperta os olhos, quer saber circunstâncias, respostas, gestos, palavras, o som destas, presta atenção nas lágrimas de dona Glória, “não acaba de entendê-las”<sup>1</sup>. “Era minuciosa e atenta; a narração e o diálogo, tudo parecia remoer consigo. Também se pode dizer que conferia, rotulava e pregava na memória a minha exposição”<sup>2</sup>. Notícia exata e verificação interior, uma certa recapitulação crítica da situação, vão juntas, indicando o nexos entre liberdade de espírito e objetividade, esta última um verdadeiro esforço

---

<sup>1</sup> *Dom Casmurro*, cap. 18.

<sup>2</sup> *Dom Casmurro*, cap. 30.

metodizado de pensamento. A clareza na decisão supõe distância em relação ao sistema de sujeições, obrigações e fusões imaginárias do paternalismo.

O brilho de Capitu decorre também da comparação com os demais dependentes. Já vimos que José Dias compensa a precariedade da situação de agregado com superlativos e futricas. Também prima Justina, uma parenta pobre, equilibra a auto-estima falando mal de ausentes e participando com a curiosidade e os olhos do amor nascente do filho da casa, outro modo de se consolar de um destino mesquinho. O confronto mais interessante se faz com o próprio Bento, que enquanto não casa deve ser incluído no campo dos sujeitados a dona Glória. Quando tenta dizer à mãe que não pode ser padre como ela desejava, porque quer casar com Capitu, algo nele fraqueja e ele sai com o incrível “eu só gosto de mamãe”, o contrário do que tencionava<sup>3</sup>. Em face da autoridade o seu propósito se desmancha. Outra saída – naturalmente em sonho – seria pedir ao Imperador que intercedesse junto à mãe, que então cederia à autoridade por sua vez<sup>4</sup>. Em ambas as linhas não podia ser mais completa a superioridade de Capitu: ela não foge da realidade para a imaginação, e é forte o bastante para não se desagregar diante da vontade superior.

Isso posto, Capitu não é Capitu só porque pensa com a própria cabeça. Embora emancipada interiormente da sujeição paternalista, exteriormente ela tem de se haver com essa mesma sujeição, que forma o seu meio. O encanto da personagem se deve à naturalidade com que se move no ambiente que superou, cujos meandros e mecanismos a menina conhece com discernimento de estadista. É como se a intimidade entre a inteligência e o contexto retrógrado comportasse um fim feliz, uma brecha risonha por onde se solucionassem a injustiça de classe e a paralisia tradicionalista, algo como a versão local da “carreira aberta ao talento”. A propósito do caráter da amiga, o Casmurro observa que não lhe faltavam idéias atrevidas; “mas eram só atrevidas em si, na prática faziam-se hábeis, sinuosas, surdas, e alcançavam o fim proposto, não de salto, mas aos saltinhos. Não sei se me explico bem. Suponha uma concepção grande executada por meios pequenos. Assim, para não sair do desejo vago e hipotético de me mandar para a Europa (uma saída lembrada pela moça), Capitu, se pudesse cumpri-lo, não me faria embarcar no pacote e fugir; estenderia uma fila de canoas daqui até lá, por onde eu, parecendo ir à fortaleza da Laje em

---

<sup>3</sup> *Dom Casmurro*, cap. 41.

<sup>4</sup> *Dom Casmurro*, cap. 29.

ponte movediça, iria realmente até Bordéus, deixando minha mãe na praia, à espera”<sup>5</sup>. O trecho pode e deve ser lido em várias chaves, pois tanto expressa a fascinação de Bento pela feminilidade de Capitu, como serve no processo movido pelo marido contra a mulher, lembrando que ela desde cedo fora ambiciosa, calculista, oblíqua e inimiga da futura sogra. Há outra leitura ainda, atenta ao conteúdo social das relações, que oferece a vantagem de articular a conduta de Capitu à das demais figuras, de modo a lhes tornar visível o sistema. Com efeito, a desproporção entre fins e meios, central no retrato, reflete os constrangimentos práticos da moça esclarecida nas circunstâncias locais. Com muxoxo oligárquico, as “idéias atrevidas” designam eventuais resultados da independência de espírito da personagem, projetos individuais que escapam ao limite da conformidade respeitosa. Já o recurso aos “saltinhos”, por oposição à presumível franqueza de um pulo grande (que seria masculino, e não feminino? que não seria atrevido?), registra a necessidade em que se encontram os dependentes de obter o favor de seu patrono a cada passo, sem o que caem no vazio. Faz parte da lógica do paternalismo que os possíveis objetivos não se assumam enquanto tais e a título individual, mas, filialmente, como conveniências do protetor, o que não só os viabiliza, como legitima. Daí as canoas e a fortaleza da Laje, em lugar do pacote e de Bordéus, já que fins familiares são mais fáceis de impingir. As maneiras “hábeis” e “sinuosas” de Capitu representam a política de decoro, ou, segundo o ponto de vista, a hipocrisia requerida por esse arranjo. Por outro lado é característica do Casmurro e de sua ideologia de classe apresentar como deficiência moral, como falta de franqueza, a política de olhos baixos imposta pela sua própria autoridade, sem prejuízo de considerar “atreuimento” a conduta contrária. Como parte de sua confusão, ou de sua complexidade, note-se ainda como um tipo de conduta com fundamento na estrutura mesma da sociedade brasileira lhe aparece ora como falta de caráter de sua mulher, ora como elemento de interesse erótico, ora como característica geral e desabonadora da psicologia feminina. Seja como for, estará claro o fundo comum entre as manobras de Capitu, o riso sem vontade de José Dias, os pânicos de Bentinho diante da mãe e o susto de prima Justina quando lhe pedem a opinião. O significado destas variações sobre uma situação de dependência básica fica incompleto, contudo, enquanto não passamos ao outro pólo, que as determina, o pólo da autoridade dos proprietários.

---

<sup>5</sup> *Dom Casmurro*, cap. 18.

## Outra Capitu

O crítico examina "Minha Vida de Menina", livro de Helena Morley  
ROBERTO SCHWARZ

As páginas iniciais do diário, onde não faltam a privação e o trabalho, têm alguma coisa de utopia. Este paradoxo pode nos servir de ponto de partida. Segundo explica Helena, quinta-feira é o dia bom da semana: a família levanta cedo, sob as ordens da mãe, arruma a casa e vai ao campo trabalhar, no que é “o melhor lugar de Diamantina”, aliás “sempre deserto”. Sem prejuízo da rotina, os dias e os lugares de que se compõe a vida não são de modo nenhum indistintos, e os melhores, ao contrário de óbvios, podem ser os menos cotados. Os meninos levam a bacia de roupa na cabeça, e as panelas e a comida no carrinho. Depois irão catar lenha, pegar passarinhos com visgo e pescar. As meninas lavam roupa embaixo da ponte, junto com a mãe, que cuida também do almoço. Na segunda parte do dia tomam banho e lavam o cabelo no rio, enquanto a mãe vigia se não vem ninguém. Depois estendem a roupa para secar, e todos correm o campo atrás de frutas, ninhos de passarinho, casulos de borboleta e “pedrinhas redondas para o jogo”. Na volta, por cima da roupa dobrada e das panelas, os meninos trazem a lenha e o mais que apanharam, que vendem na cidade no mesmo dia<sup>6</sup>.

Como vemos, um conjunto alegre de atividades simples, necessárias e inocentes, na fronteira do idílico. Além de ser mínima, a diferenciação e divisão do trabalho aglutina as pessoas mais do que as separa, quase sem as especializar, sem nada de irreversível e exigindo pouca subordinação. Por outro lado, é claro que o processo de trabalho não define tudo, ainda que esteja em primeiro plano. Olhando melhor, notaremos já aqui os indícios da organização social, cujo espírito é diferente. Emídio, um dos meninos, é um *crioulo*, *agregado* à chácara da avó. Quem carrega a bacia de roupa em cima da cabeça é ele, ao passo que os irmãos de Helena levam as panelas em carrinho, assim como é ele quem procura a lenha, enquanto os outros caçam e pescam. Umass poucas cenas mais, e terão surgido os contornos nada igualitários da grande família patriarcal, com proprietários ricos e influentes no centro, e parentes, dependentes, afilhados, ex-escravos e desvalidos ciscando à sua volta.

---

<sup>6</sup> Helena Morley, *Minha vida de menina*, págs. 5-6.

Para levar em conta os dois aspectos, digamos que o trabalho, tal como o vemos aqui, atenua as cruzeiras inscritas na organização social. Ou ainda, que a diferenciação brasileira típica, engendrada pelos rigores da exploração colonial, no caso está voltada para as atividades muito mais simples da coleta, que a tornam supérflua e a fazem regredir (ou progredir, conforme a preferência) no sentido da cooperação de todos. O confinamento feminino e a estigmatização do esforço físico por exemplo – características do patriarcalismo escravista – ficam desativados. Neste mesmo sentido, observe-se que na volta os irmãos de Helena carregam lenha por sua vez, como aliás não se furtam a carregar pacotes de toda sorte ao longo do livro, razão pela qual os parentes “idiotas”, que se acreditam melhores, gostam de aproveitar deles como “negrinhos”<sup>7</sup>. Por seu lado, também a menina forceja para escapar à classificação, a ponto de a mãe achar até bom um machucado no joelho dela, para ela “não querer mais virar menino homem”<sup>8</sup>.

O materialismo nas reações de Helena impressiona até hoje, pela vivacidade e surpresa do rumo. A sua feição não se entende bem sem o pano de fundo da civilização escravista. Nalguns momentos, nem sempre, a menina recusa a discriminação pela cor da pele: “Eu não diferencio, gosto de todos”<sup>9</sup>. Mais que a injustiça feita aos pretos, entretanto, o que ela não agüenta são os bloqueios, as limitações que a escravidão recém-abolida impunha à própria gente livre, em particular no capítulo do desmerecimento do trabalho e do esforço braçal. Veremos que este ponto de vista da “inglesinha” pode expressar alguma coisa da decadência econômica de Minas na época. Está ligado também à metade inglesa e protestante da família, que acha inaceitável a desqualificação do trabalho, embora não a dos negros. E deve-se muito ao temperamento agitado da própria garota, que anseia por dispêndio físico e trabalho em comum quase como se fossem remédios.

Sejam quais forem os motivos, o fato é que Helena desenvolve uma aversão muito sua ao *enjoamento* – termo que designa a conformidade paralisante com as proibições sociais correntes. Seu inconformismo vai das irreverências engraçadas, às vezes bicudas, até os apetites desconcertantes, cujo desafio continua intacto cem anos depois. Por exemplo, a impaciência com a vida *chocha* abre os olhos da menina para os fingimentos da devoção, mesmo de pessoas credoras do incenso geral. A mesma impaciência lhe anima o ímpeto de

---

<sup>7</sup> Helena Morley, op. cit., págs. 66-7.

<sup>8</sup> Op. cit., pág. 88.

<sup>9</sup> Op. cit., pág. 36.

pôr a mão na massa, a simpatia pelo trabalho forte, pela faxina em regra. Também o trato humorístico e em pé de intimidade com as coisas *nojentas* participa da recusa de fronteiras intransponíveis, que tem outra variante na preferência pelo ambiente franco da cozinha e das festas dos negros.

Mas onde o seu ânimo *disposto* passa do outro lado é na *inveja* que os destituídos às vezes lhe despertam. É sempre possível que a menina esteja fazendo gênero e sustentando uma tese do contra, ou tratando de ser edificante e abnegada, ou bucólica. Mas não é a impressão que dá. Aliás, para afastar a hipótese da ostentação de virtude, note-se a sua inveja também enérgica dos confortos e pertences das primas ricas. Assim, afetação ou não, lá está o desejo de viver como a coleguinha paupérrima, num rancho sem nada, na boca do mato, fazendo lição no meio da paisagem, sentada num caixote<sup>10</sup>. Ou a vontade de se juntar à fila das carregadoras de uvas, num serviço pesado e divertido, onde “a gente podia tomar um fartão”<sup>11</sup>. Ou a surpreendente declaração de que os escravos não causam pena, porque trabalhar o dia inteiro não é uma infelicidade; ficar à toa é que seria um castigo<sup>12</sup>. Parece claro que a inveja aqui não se refere à pobreza, à posição inferior, nem muito menos ao trabalho forçado, mas à própria atividade e sociabilidade em curso no interior destas condições pouco prezadas, algo como a sua substância efetiva. Muito a contracorrente, Helena não faz caso de enquadramentos “exteriores”, ideológicos e de força, e se concentra na vida que mal ou bem lhes corre embaixo. Não deixa de ser uma abstração arbitrária – salvo se a própria História estiver operando uma dissociação análoga, como de fato estava: com a Abolição, a sociedade engendrada pelo escravismo colonial separava-se de seu arcabouço institucional de origem e passava a existir e a persistir sob um céu diverso, com consequências ainda difíceis de definir... Voltando a Helena, ao aderir à gravitação da atividade material, considerada na plenitude de seus conteúdos e despida da rotulação corrente, ela indica perspectivas imprevistas, nada convencionais, mormente num país tão desigual. Assim, bastou passar ao largo dos estigmas de classe, complementares da opressão, para que a choça e o trabalho de carregador – como tudo o mais – entrassem para um campo de apreciações e cálculos diferentes, propriamente *materialistas*. No caso da choça, mais que o desprezo pela miséria passam a contar, positivamente, a diminuição do

---

<sup>10</sup> Op. cit., pág. 236.

<sup>11</sup> Op. cit., pág. 84.

<sup>12</sup> Op. cit., pág. 114.

trabalho doméstico e a proximidade com a natureza; no exemplo das carregadoras, o prazer de fazer força e cometer excessos em comum. Noutras palavras, apartada da dominação que lhe deu origem e polarizou os valores, a diferenciação dos trabalhos e das situações aparece como a diversidade extensiva da experiência de uma sociedade, uma espécie de cooperação ampla e solta, que diz respeito às possibilidades de auto-realização de todos os membros, brecha pela qual a imaginação de Helena entrou com incrível energia. De pronto as segregações clássicas entre atividade braçal e intelectual, utilidade e beleza, trabalho e diversão, limpeza e sujeira etc. se fluidificam, passíveis de arranjos novos, em que se demora a fantasia de Helena, explorando sem alarde as virtualidades vertiginosas e desalienadoras da avaliação materialista. Sem desconhecer a petulância e o afã de originalidade da menina, vale pensar que o viço que até hoje emana de suas observações seja indício de interesses que não estão extintos.

## O QUE LER

Conheça a seguir os livros de Roberto Schwarz :

*A Sereia e o desconfiado* - (ensaios) Ed. Civilização Brasileira (1965) e, depois, Paz e Terra

*A Lata do lixo da História* - (teatro) Ed. Paz e Terra (escrito em 1969 e publicado em 1977)

*Corações veteranos* - (poesia) Coleção Frenesi (1975)

*Ao vencedor as batatas* - (crítica) Ed. Duas Cidades (1977)

*O Pai de família e outros estudos* - (ensaios) Ed. Paz e Terra (1978)

*Os Pobres na literatura brasileira* - (organização) Ed. Brasiliense (1983)

*Que horas são?* - (ensaios) Ed. Companhia das Letras (1987)

*Machado de Assis - Um Mestre na periferia do capitalismo* - Ed. Duas Cidades (1990)

*Seqüências brasileiras* – (ensaios) Ed. Companhia das Letras (1999)



This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.